



MARTINS, Marco Antonio e ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

## **MAPEAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA RESENHA**

*Wellington Couto de Almeida<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*  
*(wellingtonalmeida@letras.ufrj.br)*

Publicado em 2015 pela editora Contexto, o livro *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*, organizado por Marco Antonio Martins e Jussara Abraçado é uma obra de caráter seminal, uma vez que nenhum dos doze textos presentes têm por objetivo encerrar qualquer questão; pelo contrário, os textos apresentam vastas revisões de literatura e conexões possíveis entre áreas outras da Linguística e a Sociolinguística, capazes de, em simultâneo, instigar acadêmicos da(s) área(s) ou servir de base para pesquisas mais avançadas por aqueles que precisem olhar o que já foi feito. Com uma área de abrangência bastante significativa e contando com participações de diversos autores e pesquisadores, o livro traz, ao longo de suas 334 páginas, uma contribuição importante para o escopo da pesquisa Sociolinguística no Brasil.

A obra organizada por Marco Antonio Martins e Jussara Abraçado é dividida em duas partes. Na parte I, intitulada VARIACÃO E MUDANÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, faz-se um mapeamento específico de alguns aspectos da variação, nos níveis fonológico, incluindo a prosódia e entonação (Capítulos 1, 2, 3 e 4), morfológico (Capítulos 5 e 6) e sintático (Capítulo 7). Já na parte II, A SOCIOLINGUÍSTICA EM INTERFACE, discutem-se contatos teóricos entre a Sociolinguística e a fonologia (Capítulo 1), o gerativismo (Capítulo 2), o sociofuncionalismo (Capítulo 3), a gramaticalização (Capítulo 4) e a cognição (Capítulo 5). Ao longo desta resenha, serão elencados os principais tópicos de cada um dos capítulos, assim como um resumo das discussões apresentadas, de modo a servir como referência aos interessados na obra, que poderão buscar mais detalhes com a leitura do(s) capítulo(s) de interesse na íntegra.

Os quatro primeiros capítulos da primeira parte tratam não só da variação a nível fonológico, explorando questões como o vocalismo, o consonantismo e a variação fônica nas capitais brasileiras, mas também de aspectos pertinentes à prosódia e à entonação. Os dois primeiros capítulos fazem duas ricas revisões de

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisa na área de Sociolinguística e neurociência da linguagem. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



literatura, a primeira no campo do vocalismo, escrito por Silvia Figueiredo Brandão e outra no âmbito do consonantismo, escrito por Dinah Callou, ambos com estudos realizados até o ano de 2012. São elencados, nas revisões de literatura, itens como o vocalismo átono em contexto pretônico (2015, p. 12-26), postônico medial (2015, 2015, p. 27-34) e postônico final (2015, p. 34-36); a monotongação (2015, p. 36-37); a variação em coda silábica com a palatalização do S (2015, p. 41-46), com a ditongação diante de S (2015, p. 47-48), com o apagamento do R (2015, p. 48-52) e com a vocalização do L (2015, p. 52-54); e, finalmente, a variação em *onset* silábico com os róticos (2015, p. 54-59) e com a palatalização de /t/ e /d/ (2015, p. 59-63). Ambos os capítulos são ricos em referências, que certamente podem ajudar àqueles que precisarem de direcionamentos para temas específicos da variação vocálica e consonantal.

O terceiro capítulo, “Variação fônica nas capitais brasileiras”, escrito por Jacyra Andrade Mota e Suzana Marcelino Cardoso ganha destaque especial por contar um pouco da história por trás do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)<sup>2</sup>, pensado em 1996, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Não por acaso, é desse tão importante projeto para o âmbito da pesquisa Sociolinguística brasileira que vêm os dados estudados por Mota e Cardoso neste capítulo. Em um grande passeio pelas capitais do Brasil, são quantificados e explorados dados referentes às vogais médias em posição pretônica (2015, p. 68-71), ao <s> em coda silábica (2015, p. 71-74) e às oclusivas dentoalveolares /t, d/ diante de vogal anterior alta (/i/) (2015, p. 75-77). Naturalmente, a depender do fenômeno, recortes são feitos de modo que se possa focar nas regiões e capitais em que o estudo desse mesmo fenômeno pareça mais produtivo.

Finalmente, no quarto capítulo, escrito por Cláudia de Souza Cunha e Joelma da Silva, intitulado “Variação entoacional nos enunciados interrogativos”, são analisados, assim como no capítulo anterior, dados oriundos do projeto ALiB. Importante destacar o fato de, nessa revisão de literatura, as autoras mencionarem que “o estudo da prosódia dialetal ainda é recente nos meios acadêmicos brasileiros” (2015, p. 79). O artigo, rico em informações visuais, com pelo menos trinta e cinco gráficos, pontua diferenças e similaridades na realização de questões nos falares das capitais brasileiras, corroborando o papel da regionalidade como um forte fator extralinguístico modulador deste item.

Nos capítulos cinco e seis, são abordadas questões que dizem respeito a aspectos morfológicos, mais especificamente a variação pronominal. No capítulo quinto, Juliana Segadas Vianna e Célia Regina dos Santos Lopes escrevem sobre a variação dos pronomes “nós” e “a gente” e, no capítulo sexto, Marta Scherre, Edilene Patrícia Dias, Carolina Andrade e Germano Ferreira Martins abordam a variação dos pronomes “tu” e “você”. Ambos os capítulos possuem uma vasta revisão de literatura,

---

<sup>2</sup> O site do projeto pode ser acessado em: <https://alib.ufba.br/>.



o primeiro abordando estudos até o ano de 2013 e o segundo, estudos feitos até o ano de 2012. Neles, cabe mencionar, algumas capitais e cidades do Brasil foram mais privilegiadas do que outras, haja vista a significativa diferença de dados disponíveis. O mapeamento sistemático das informações feito pelos autores permite aos interessados nos temas dos capítulos identificar lacunas que ainda precisam ser preenchidas, como o fato de muitos lugares do Brasil ainda não terem sido estudados. O texto de Scherre *et al.* traz ainda uma tabela indicativa dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa, por região e estado (2015, p. 141).

O capítulo sete, o último da parte I, é intitulado “Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva” e foi escrito por Maria Eugênia Duarte e Jânia M. Ramos. Nele, as autoras fazem um quadro geral sintético a partir, segundo elas, de dados obtidos em teses e dissertações (2015, p. 173). Além de explorarem as variantes anafóricas de terceira pessoa (acusativos, dativos e reflexivos) as autoras também exploram dados que se referem aos dêiticos, isto é, aos interlocutores do discurso. Com estudos realizados até o ano de 2010, abrangendo diversos estados brasileiros, o capítulo faz um mapeamento consistente, dando cabo das questões propostas e evidenciando lacunas, encerrando, conforme já mencionado, a primeira parte deste livro. Se a parte I é composta de amplas revisões de literatura, nesta segunda parte as interfaces feitas com a Sociolinguística e outras áreas da Linguística ganham destaque. A partir de agora, será possível ver o que tem sido feito, e quais as intempéries, no equacionamento dessas áreas.

No primeiro capítulo, intitulado “Variação sonora”, Christina Abreu Gomes, Cláudia Regina Brescancini e Valéria Oliveira Monaretto buscam descrever, brevemente, os modelos fonológicos propostos (2015, p. 201) até que se chegassem a dois modelos teóricos distintos: o da Teoria da Otimidade (ou da Otimalidade) e o dos Modelos Multirrepresentacionais. As autoras demonstram os usos e as implicaturas de termos como *sociofonética*, dando destaque tanto para as considerações de estudiosos da fonética como para aqueles da Sociolinguística. Por fim, buscou-se apresentar a Sociofonética como um ramo que tem muito a contribuir para os estudos vindouros, sejam eles descritivos, sejam eles teóricos (2015, p. 218).

No segundo capítulo da parte II, “Variação sintática e gerativismo”, Marco Antonio Martins, Izete Lehmkuhl Coelho e Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante fazem um apanhado histórico das interfaces entre a teoria Sociolinguística e a Teoria da Gramática. Os autores apontam as primeiras dificuldades em estabelecer uma teoria que desse conta, em alguma medida, dos pressupostos gerativistas, como o de mudança abrupta a partir de uma “nova marcação paramétrica” (2015, p. 222), e dos pressupostos sociolinguísticos, como o de mudança gradual e heterogeneidade ordenada. Ao longo do texto, são consideradas duas propostas distintas para a resolução - ou, pelo menos, um encaminhamento, dessa problemática: a Sociolinguística Paramétrica e o modelo de competição de gramáticas, sendo



apresentados, para cada uma das duas propostas, perdas e ganhos consequentes delas.

No capítulo terceiro da segunda parte, “Variação e sociofuncionalismo”, as autoras, Maria Alice Tavares e Edair Maria Görski, fazem uma análise das possibilidades, convergências e divergências ao se colocar em contato teorias variacionistas e funcionalistas. As autoras defendem o ponto de que “a aproximação entre os quadros teóricos variacionista e funcionalista é viável e frutífera” (2015, p. 251). Em uma das seções do texto, abordam o que chamam de “(anti)funcionalismo laboviano”, em que demonstram discussões em torno da aproximação de teorias ligadas ao funcionalismo àquelas conectadas com a pesquisa variacionista de William Labov – para ele, a Sociolinguística Variacionista estaria distante do Funcionalismo, sobretudo por diferenças de abordagem a respeito de temas como variação e mudança, como apontam as autoras (2015, p. 258). Ao elencar sistematicamente os aspectos convergentes e divergentes entre ambas teorias, as autoras nos direcionam para um caminho em que é possível ver as duas teorias confluindo no que chamam de Sociofuncionalismo, que seria uma abordagem integrada, conciliativa (2015, p. 262), embora às vezes sejam necessários alguns ajustes. Para as autoras, enfim, “tópicos mais ou menos divergentes podem acabar por se emparelhar após um bom diálogo, do que resulta um sabor misto de ambas as teorias” (2015, p. 268).

No capítulo quarto, intitulado “Variação e gramaticalização”, Jânia M. Ramos e Odete Pereira Menon levantam noções gerais da teoria de gramaticalização, sobretudo de verbos, alinhando-as com estudos variacionistas, dando destaque para o surgimento de verbos de ligação da língua e sua relação com os verbos intransitivos. As autoras explicam também os conceitos de “paralelismo” (2015, p. 271-272) e de “tempo” (2015, p. 272) na teoria variacionista. Fazem, ainda, uma proposta de matriz de gramaticalização de verbos (2015, p. 278), e destacam que a gramaticalização “é um *processo*, não um produto” (2015, p. 278, grifo das autoras). Para elas, parece “razoável concluir que o diálogo entre pesquisadores de processos de gramaticalização e os variacionistas pode ser proveitoso para ambos” (2015, p. 283), desde que os interesses e as particularidades de cada um desses grupos sejam reconhecidos.

Finalmente, no quinto e último capítulo tanto da parte II quanto da obra, Juçara Abraçado, também organizadora do livro, trata dos itens variação e cognição, que dão título ao capítulo. Logo no início de seu texto, a autora já deixa encaminhado o que acredita ser o cerne da questão: a falta de contato entre a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva. A autora encontra eco de suas ponderações em Thomas (2011), que diz que o resultado da falta de contato entre as duas áreas são “teorias cognitivas que não conseguem explicar a variação adequadamente, e estudos variacionistas que não abordam a estrutura cognitiva da linguagem (p. 287-288).

À guisa de conclusão, cabe dizer que a obra de Martins e Abraçado deve fazer parte da biblioteca de qualquer pessoa interessada nos estudos da



Sociolinguística, uma vez que apresenta não só revisões de literatura feitas com dados relativamente atualizados, mas também discussões transversais enriquecedoras, que certamente servem de referências mais do que úteis para o desdobramento de novos estudos.

### **Referências**

MARTINS, Marco Antonio e ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

THOMAS, Erik R. "Sociolinguistic variables and cognition." **Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science**, v. 2, n. 6, p. 701-716, 2011.

Recebido em: 19/11/2020

Aprovado em: 12/02/2021